

25 de Março de 2021

Angola, 2 de Junho 1973 - A Morte na Picada do Chilombo para Lumbala

Uma coluna auto, do Destacamento de Marinha do Zambeze, emboscada na picada de Chilombo para Lumbala: 4 mortos e 1 ferido grave.

(Post reformulado a partir de outro já publicado em 26 de Novembro de 2009/2 de Junho de 2017)



Em cima, vista aérea do aquartelamento do Chilombo, junto ao rio Zambeze e, em baixo, a perspectiva do aquartelamento, da margem oposta do rio



Em 2 de Junho de 1973, após a formatura de serviço, foram preparadas duas viaturas, uma Mercedes e um Unimog, para seguir para a Lumbala, com uma escolta de uma secção comandada por um sargento.



Em cima, um posto de observação guarnecido com metralhadora Oerlinkon de 20 mm e, em baixo, podem observar-se os tejadilhos das cabines das viaturas Mercedes retirados, para minorar o efeito das minas.



Não tendo aquele percurso sido sujeito a qualquer emboscada inimiga desde o início da comissão da unidade, na escolta das colunas, era mantido o efectivo de uma secção com LGF e MG-42.

A regularidade da coluna tinha por objectivo levar e trazer o correio, de e para a unidade, aproveitando para o efeito um táxi aéreo fretado pela JATA que, todos os Sábados, escalava Lumbala.



Em cima, a Picada do Chilombo para Lumbala e, em baixo, a LDP 208 varada na margem do rio, junto ao aquartelamento, durante a estação seca. A lancha era utilizada para a realização de operações e reabastecimento logístico.



Em serviço, seguia também na viatura o STEN FZ RN António Bernardino Apolónio Piteira e era acompanhado pelo Sr. Medeiros, instrutor da Auto-Eunice do Luso que necessitava levar documentação para seguir para o Luso, referente aos elementos da unidade que pretendiam tirar as cartas de condução.

Como habitualmente, seguia também na coluna um moço de botica, com bolsa de primeiros socorros e um operador com um rádio RACCAL TR-28A, tendo a coluna deixado a unidade às 07:55.

A cerca de oito quilómetros e meio do aquartelamento, o Unimog imobilizou-se, devido a um furo. A viatura da frente, a Mercedes, devido à nuvem de poeira levantada pelos rodados, não se apercebeu do facto, tendo continuado isolada e, cerca de quilómetro a quilómetro e meio à frente, caiu numa emboscada.

Tinham decorrido escassos minutos desde imobilização do Unimog, e ainda o condutor tentava mudar o pneu quando, mais adiante, se ouviram rebentamentos e tiros. O sargento que seguia nesta viatura e que transportava consigo o rádio, contactou imediatamente o Chilombo, informando do sucedido enquanto eram feitos todos os esforços para concluir a mudança da roda e seguirem em socorro do pessoal da Mercedes.

A distância entre as viaturas, a ser percorrida a pé, ocasionaria grande demora e, por outro lado, deficiências no equipamento de elevação do Unimog, associado a grande nervosismo, não permitiu concluir nos minutos seguintes a operação com sucesso, enquanto passavam pelo veículo imobilizado os primeiros reforços, a caminho do local provável do ataque.

Esta coluna de reforço, integrando duas outras viaturas, comandada por um oficial, foi mandada sair cerca das 08:10, depois de serem ouvidos, para sul do aquartelamento, rebentamentos e disparos de armas com grande intensidade.

Mais tarde, colhidas informações dos sobreviventes da Mercedes atacada, foi possível reconstituir, aproximadamente, os acontecimentos ocorridos, entre a hora de saída do aquartelamento e a altura da emboscada e que a seguir se reproduzem.

Num local habilmente escolhido pelo inimigo, foram abertos abrigos em meia-lua dos dois lados da picada. Por detrás deles, uma extensa floresta possibilitava uma retirada segura e, à frente, uma enorme “chana” dificultava o abrigo do pessoal das viaturas.

As bermas da picada, na “zona da morte” foram armadilhadas com cargas de trotil – foram retirados 23 kgs. – a serem accionadas por detonadores eléctricos. Por motivos que se desconhecem, provavelmente retirada precipitada, os detonadores não foram accionados à distância, evitando uma verdadeira chacina.

A viatura Mercedes, ao abrandar numa cova do piso, foi simultaneamente atingida na cabine e no motor, com uma munição de morteiro 60 mm e um

projétil de LGF de 37 mm. Logo nessa altura, previsivelmente, os três ocupantes da cabine, os STEN FZ RN António Bernardino Apolónio Piteira, Mar FZE 771/68 António Cardoso Saraiva e o Sr. Medeiros, terão sido mortalmente atingidos, uma vez que a cabina e toda a parte dianteira da viatura se reduziram a uma amálgama de ferros torcidos e chapas esventradas.



Cabina da viatura emboscada, sendo visíveis os efeitos dos impates dos tiros e, do lado esquerdo, os danos provocados pelo armamento inimigo.

Os três elementos que seguiam na caixa, os Mar FZE 717/70 João Gonçalves Nunes Pereira, Mar FZE 1214/70 Henrique Manuel Pais Fernandes e o Mar FZE 451/70 Rogério Fernandes Martins, logo que a viatura foi atingida e resvalou para a berma direita, tentaram saltar para esse mesmo lado.

O Mar FZE 717/70 João Pereira foi mortalmente atingido na cabeça, tendo ficado prostrado, agonizante, junto à viatura. O Mar 1214/70 Henrique Fernandes, que transportava a MG-42, foi ferido numa perna e o Mar FZE FZE 451/70 Rogério Martins saltou da viatura e abrigou-se na berma. Narra este último que, ao saltar para o solo, as explosões de morteiro e LGF eram contínuas, intervaladas com rajadas de metralhadoras. Tentou aproximar-se do camarada Mar FZE 717/70 João Pereira que ainda dava alguns sinais de vida mas expirou pouco depois.

Narrou ainda que, em seguida, se aproximou do outro camarada ferido, o Mar FZE 1214/70 Henrique Fernandes, que sangrava abundantemente numa perna e já tinha largado a MG-42. Não vendo quaisquer sinais de vida no local e continuando o fogo cerrado do inimigo decidiu transportá-lo e afastou-se, ladeando sempre a berma da picada, a única vereda onde existia ainda capim alto permitindo uma razoável camuflagem.

Distanciaram-se assim do local da emboscada, na direcção do Chilombo, mostrando já o Mar FZE Henrique Fernandes grande dificuldade em andar. Atravessaram um rio e já no meio dos caniçais o Mar FZE Rogério Martins efectuou um garrote na perna do camarada ferido. Alcançaram entretanto a picada, na altura em que chegavam os primeiros socorros.

Referiu o oficial que seguia na viatura da frente da coluna de reforço e alcançou primeiro a Mercedes alvejada que o IN já tinha abandonado o local quando lá chegaram. Ordenou que um grupo seguisse no encalço dos atacantes, enquanto outro prestava os primeiros socorros e montava segurança no local.

O Mar FZE 717/70 João Pereira encontrava-se morto junto à Mercedes. O STEN FZ RN António Piteira e o condutor da viatura, Mar FZE 771/68 António Saraiva foram encontrados na “chana” a cerca de 50 metros do local. O Sr. Medeiros foi também encontrado perto da viatura. Os três militares encontravam-se sem fardamento, equipamento ou objectos pessoais e também não foram encontradas as armas, uma MG-42 e quatro G3's.

Inicialmente, apenas foram mencionadas três armas G3's. Só mais tarde se confirmou que, consequência de uma troca de última hora de condutores, a precipitação fez com que o primeiro deixasse ficar a arma na cabina tendo o condutor que substituiu levado também a sua arma pessoal.



Porta de Armas do aquartelamento do Chilombo.

O grupo que efectuou a perseguição encontrou três trilhos iniciais, muitas grades de cerveja espalhadas que, originalmente, tinham sido carregadas na Mercedes, no Chilombo e, bastante para o interior, na mata, garrafas vazias e

dispersão de trilhos no sentido geral S/SE. Considerado inútil manter a perseguição nestas condições o grupo regressou, tendo nomadizado a área até cerca das 11:00, hora a que os fuzileiros foram rendidos no local por militares do Exército de Lumbala.

Os corpos das vítimas foram retirados para o Chilombo, onde ficaram em câmara ardente durante duas noites, até 4 de Junho, com guarda de honra. Na manhã desse dia, pelo capelão do BCAÇ 3847, foi celebrada missa de corpo presente já com as urnas fechadas e, ainda durante a manhã, seguiram em coluna auto para o Cazombo.

À saída do aquartelamento, foram prestadas honras militares por toda a guarnição da unidade, profundamente abalada com o sucedido, numa última homenagem aos camaradas falecidos e que, de maneira tão trágica, perderam a vida ao serviço da Marinha e da Pátria. A morte daqueles camaradas e a convivência da população, deixaram marcas profundas que dificilmente se apagarão da memória de quantos ali viveram ou prestaram serviço.

Mortos em combate:

- STEN FZ RN António Bernardino Apolónio Piteira, CF 1, do 18.º CFORN;
- Mar FZE 771/68 António Cardoso Saraiva, DFE 10;
- Mar FZE 717/70 João Gonçalves Nunes Pereira, DFE 10;

Ferido em combate:

- Mar FZE 1214/70 Henrique Manuel Pais Fernandes, DFE 10;

O tipo de acção havida, a sua cuidadosa bem como pormenorizada montagem e a suspeita envolvência da população suscitou dúvidas, com alguns considerandos pertinentes:

- *Facto inédito a assinalar naquela manhã foi o não aparecimento de qualquer elemento da população a pedir boleia para a Lumbala.*
- *Ainda mais significativo e denunciador de que a população do Chilombo estaria a par da presença de elementos inimigos nas proximidades, ou talvez até da própria acção – atitude pouco consentânea com o comportamento habitual do MPLA - foi a circunstância de, logo pela manhã, não ter aparecido nenhuma criança para vir buscar pequeno-almoço, nem quaisquer elementos da população para jogarem no campo de futebol de salão o que, invariavelmente, acontecia todas as manhãs.*
- *Acresce ainda que, a população do Chilombo, ao amanhecer desse dia e antes da acção, não saiu do “Kimbo”, provavelmente antevendo prováveis represálias que receavam seguirem-se à emboscada inimiga. Esta atitude da população reflectia, inequivocamente, um estado de comprometimento para não dizer de convivência.*

• A montagem do minucioso dispositivo da emboscada foi certamente iniciada na véspera, o que fez estranhar a passagem, sem incidentes e na tarde do dia anterior, no percurso Lumbala-Chilombo, de uma viatura Land-Rover, transportando o Administrador da Lumbala, sem qualquer escolta. Também no percurso Lumbala-Chilombo, passou um veículo de carga civil na noite anterior e outro na própria manhã da emboscada, com saída da Lumbala, pelas 07:00.

Fontes:

Relatório do Comandante do Destacamento de Marinha do Zambeze, 1TEN FZ Pedro Baptista Coelho; colaboração do então 2TEN FZE RN José António Ruivo - 21.º CFORN (CMG Ref) com fotos cedidas ao arquivo pessoal do autor do blogue;

Dicionário:

CF - Companhia de Fuzileiros; DFE - Destacamento de Fuzileiros Especiais; LGF - Lança-Granadas Foguete; IN - inimigo; "Kimbo" - aldeamento nativo; "chana" - planície, equivalente a "chão"

mls

6 comentários:



Armindo Ferreira disse...

O meu nome é Armindo Ferreira e fui Mar. FZ 1289/70. Fazia parte da guarnição mas não participava em colunas por ser faxina. Nessa fatídica manhã assisti à partida dos meus camaradas. Feriu-me logo a atenção ao ver nenhum indígena a pedir boleia como de costume. Não quis dizer nada por recear o ridículo. Hoje lamento sentidamente não o ter feito. É como um remorso para mim. Mas, meu Deus, com tanta evidência como pudemos cair naquilo. Explicação: rotina e excesso de confiança. Dois predicados que sempre favorecem um inimigo traçoeiro.

8 de janeiro de 2010 às 23:54



Fernando Barreiros disse...

Sou Fernando Barreiros, fui marinheiro FZ 1919/70 e estava no Chilombo aquando desta emboscada.

Fazia serviço como ajudante de padeiro de noite e de dia dava aulas à 3ª e 4ª classe no aldeamento pois o professor encontrava-se doente há algum tempo.

la começar a dar aula quando se começaram a ouvir os rebentamentos, foi horrível a sensação que senti e fui logo a correr para o aquartelamento. Não me havia apercebido de nada pois como ajudante de padeiro não fazia serviço de sentinela ou ia nas colunas... era trabalhar de noite e dar aulas todas as manhãs. Já na metrópole fomos homenagear o Tenente Piteira no cemitério onde se encontrava e conhecer os seus pais (filho único).

Deixo aqui o meu comentário como homenagem aos mortos nesta emboscada.

21 de janeiro de 2010 às 00:13



Manuel Silva disse...

Chamo-me Manuel Ribeiro da Silva e conheci o António Piteira no Chilombo. Tornámo-nos naturalmente amigos nas muitas passagens que por lá fiz. Aliás, talvez tivéssemos sido os principais "culpados" para que a pista que lá havia ficasse operativa.

O António era uma pessoa agradável de trato simples. Era fácil ser amigo dele. Recordo-o bem, apesar de terem passado todos estes anos. Estava de férias na Metrópole quando ele, os outros militares e o civil foram assassinados na emboscada.

Considero um assassinio devido às circunstâncias de colaboração da população local. Assim que regressei ao Leste e logo que tive oportunidade aterrei no Chilombo. Foram-me descritos os pormenores da emboscada, o comportamento dos populares, o estado em que os corpos foram recuperados...

Não me envergonho de dizer que a primeira coisa que me veio à mente foi propor que fossem exercidas represálias sobre a população. Fiquei-me pelo pensamento, mas aquela gente não mereceu aquilo.

O comportamento daqueles militares era exemplar.

A reactivação da pista teve como objectivo não só facilitar o acesso às comunicações, como acima de tudo o possibilitar a evacuação de doentes por meios aéreos uma vez que tinha acontecido a retirada do All III do Cazombo. Os civis, fossem de que cor fossem, tinham o apoio incondicional dos militares. Se qualquer burocracia houvesse, lá estava o António a "contornar" as situações para que tudo se resolvesse.

Sou testemunha disso.

Querido Amigo, voaste comigo e ainda te mostrei alguma coisa do que se podia fazer com um avião. Depois foi a tua vez com os teus "brinquedos" Hoje podemos dizê-lo porque já ninguém se atreve a chatear-nos. Onde quer que estejas, descansa em Paz. Qualquer voltamos a beber um copo juntos.

4 de junho de 2012 às 00:44



Unknown disse...

Fui o primeiro a chegar junto dos já cadáveres . Eu era o Enfermeiro do destacamento de fuzileiros.

3 de junho de 2017 às 00:18



mls disse...

Expresso aqui o meu agradecimento a todos os Camaradas que se manifestaram relativamente a uma emboscada a militares fuzileiros que não teve qualquer sentido.

Colaboravam solidariamente com a população local na saúde, ensino, alimentação e até na construção dos próprios aldeamentos, os "kimbos".

Mais do que um combate, terá sido uma chacina a militares confiantes na missão que estavam a desempenhar e na forma como o faziam. O episódio ficará para sempre registado como uma lamentável memória histórica da Guerra do Ultramar em Angola.

António Bernardino Apolónio Piteira, oficial da Reserva Naval do 18.º CFORN - Curso Especial de Oficiais da Reserva Naval, tem uma sala com o seu nome na Instituição onde iniciou o curso em que serviu a Marinha e o País: Escola Naval. A minha repetida e sempre sentida homenagem a todos os que lá caíram.

3 de junho de 2017 às 10:49



Rui Bacelar- ex-furriel mil. na CART. 3540 - BART. 3881 disse...

Boa tarde. Nessa altura acho que estava no Lucusse (ou então já na Lumbala), já que fazíamos proteção à JAEA que andava a abrir a estrada do lucusse até Lumbala. Lembro-me perfeitamente desta tragédia e dos comnetários feitos relativamente às sevicias feitas aos corpos dos camaradas falecidos. Que descansem em paz.

9 de março de 2019 às 14:13